

# Sophia de Mello Breyner Andresen – O jardim e a noite

Atravessei o jardim solitário e sem lua,  
Correndo ao vento pelos caminhos fora,  
Para tentar como outrora  
Unir a minha alma à tua,  
Ó grande noite solitária e sonhadora.

Entre os canteiros cercados de buxo  
Sorri à sombra tremendo de medo.  
De joelhos na terra abri o repuxo,  
E os meus gestos foram gestos de bruxedo.  
Foram os gestos dessa encantação,  
Que devia acordar do seu inquieto sono  
A terra negra dos canteiros  
E os meus sonhos sepultados  
Vivos e inteiros.

Mas sob o peso dos narcisos floridos  
Calou-se a terra,  
E sob o peso dos frutos ressequidos  
Do presente  
Calaram-se os meus sonhos perdidos.

Entre os canteiros cercados de buxo,  
Enquanto subia e caía a água do repuxo,  
Murmurei as palavras em que outrora  
Para mim sempre existia  
O gesto dum impulso.  
Palavras que eu despi da sua literatura,  
Para lhes dar a sua forma primitiva e pura,  
De fórmulas de magia.

Docemente a sonhar entre a folhagem  
A noite solitária e pura

Continuou distante e inatingível  
Sem me deixar penetrar no seu segredo.  
E eu senti quebrar-se, cair desfeita,  
A minha ânsia carregada de impossível,  
Contra a sua harmonia perfeita.

Tomei nas minhas mãos a sombra escura  
E embalei o silêncio nos meus ombros.  
Tudo em minha volta estava vivo  
Mas nada pôde acordar dos seus escombros  
O meu grande êxtase perdido.

Só o vento passou pesado e quente  
E à sua volta todo o jardim cantou  
E a água do tanque tremendo  
Se maravilhou  
Em círculos, longamente.

**Sophia de Mello Breyner Andresen, Coral e outros poemas**